



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Crizan Izauro Camilo da Silva
Kauê Gustavo Alberguini Pereira

No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis

Florianópolis
2025

Crizan Izauro Camilo da Silva
Kauê Gustavo Alberguini Pereira

No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Jornalismo.
Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientador(a): Prof. Dr. Elias Machado Gonçalves

Florianópolis

2025

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Silva, Crizan Izauro Camilo da

No coração dos bairros : A cultura do futebol amador em
Florianópolis / Crizan Izauro Camilo da Silva, Kauê
Gustavo Alberguini Pereira ; orientador, Elias Machado
Gonçalves, 2025.

58 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo,
Florianópolis, 2025.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Futebol amador. 3. Esporte. 4. Liga
Florianopolitana de Futebol. I. Pereira, Kauê Gustavo
Alberguini. II. Gonçalves, Elias Machado. III. Universidade
Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. IV.
Título.

Crizan Izauro Camilo da Silva
Kauê Gustavo Alberguini Pereira

No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 04 de dezembro de 2025, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Elias Machado Gonçalves
Orientador/a

Prof. (a) Fabiana Quatrin Piccinin
Universidade Federal de Santa Catarina

Jorn. Fernanda Moro
Grupo NSC

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,



Documento assinado digitalmente
Elias Machado Gonçalves
Data: 11/12/2025 18:13:45-0300
CPF: ***.391.700-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Prof. Elias Machado Gonçalves
Orientador



Documento assinado digitalmente
CRIZAN IZAURO CAMILO DA SILVA
Data: 11/12/2025 18:22:00-0300
CPF: ***.112.609-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>



Documento assinado digitalmente
KAUE GUSTAVO ALBERGUINI PEREIRA
Data: 11/12/2025 18:31:07-0300
CPF: ***.250.769-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Crizan Izauro Camilo da Silva
Kauê Gustavo Alberguini Pereira
Autores do trabalho

Florianópolis, 2025

AGRADECIMENTOS

Entre tudo que vivi e aprendi, posso me considerar sortudo por estar onde estou. Não sei em qual lugar estaria se não tivesse apoio de minha família, que, desde o princípio, foi quem me deu todo o suporte para saber o que deveria fazer. Só conseguimos acreditar e ter perspectivas a partir do momento que sabemos que é possível. E se pude, foi graças a vocês.

Cada conquista que realizei, nunca foram somente minhas, mas um resultado de todo o esforço, dedicação e investimento na educação que à mim foi incumbido. É luta terrena, religiosa e ancestral. Foram quatro anos de luta e experiências vividas em prol de orgulhar o nome de nossa família, luta que traduz o sonho em realidade.

Quando o tempo passar, esse tempo se reservará em lindas lembranças da trajetória narrada ao lado de cada um que trouxe leveza e felicidade para essa jornada. E que justiça seja feita ao lembrar de cada colega e momento que vivemos juntos. Momentos ímpar que nunca voltarão, mas que nos ajudaram e trouxeram até o fim dessa caminhada.

Em cada passo, fui guiado e tive a companhia de quem me proporcionou o sentimento de lar em meio a uma terra desconhecida. São tantas conversas, noites e dias de calj que me fizeram entender o que é evoluir e se fortalecer em conjunto. E na descoberta da vida adulta, foi necessário estar forte para tudo e ter quem saiba nos acolher.

Por fim, sou grato a cada ensinamento e desafio proporcionado, e que Oxalá retribua iluminando o caminhar de cada um. Hoje é uma vitória para todos nós, que assim seja.

Crizan.

AGRADECIMENTOS

Poder escrever esta seção do Trabalho de Conclusão de Curso significa que todos os desafios foram superados e o esforço, dedicação e estudo me levaram até o final da graduação.

Agradeço primeiro ao Crizan, grande amigo e colega com o qual produzi esse trabalho. Aceitou o desafio e esteve comigo durante todas as etapas de produção, em bons e maus momentos. Seria impossível alcançar a qualidade que tivemos no documentário se ele fosse realizado por uma pessoa só.

Agradeço a minha namorada, Sabrina, que me apoiou durante todo o trabalho, me aconselhou e me acalmou nos momentos de desespero. Mesmo realizando seu próprio TCC paralelamente, não deixou de estar ao meu lado nos momentos difíceis.

Agradeço aos meus pais por todo o apoio, seja ele logístico, emocional ou financeiro. Sem a ajuda deles nada seria possível e o sonho de cursar Jornalismo não teria se concretizado. Também agradeço demais membros da família que confiaram e incentivaram a minha vinda e estadia em Florianópolis.

Agradeço aos meus amigos por também estarem ao meu lado como rede de apoio e fizeram parte dos momentos de descontração. Entre eles, um agradecimento especial aos membros da Gornada Esportiva.

Agradeço o professor Elias, que orientou esse trabalho em todas as etapas. Foi fundamental para conclusão do projeto e também para minha formação enquanto jornalista. Agradeço aos amigos, professores e servidores que tive contato ao longo do curso e me influenciaram positivamente.

Para fechar, agradeço todas as pessoas que empenharam parte do seu tempo para nos dar entrevista e auxiliar na apuração. Não seria possível concluir o projeto sem que vocês estivessem disponíveis para compartilhar suas histórias sobre o futebol amador.

Kauê.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em um documentário de média-metragem que aborda a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), entidade criada em 1996 e responsável pelas competições de futebol amador na capital catarinense. O documentário, dividido em blocos temáticos, detalha a história e criação da liga, os desafios enfrentados pelos clubes para sobrevivência, os investimentos em atletas e participações de ex-jogadores profissionais nos campeonatos, além da paixão e dedicação dos envolvidos nas competições. A narrativa é baseada em depoimentos dos dirigentes, jogadores, torcedores e presidentes dos clubes e da LIFF. O objetivo é mostrar como o futebol amador se mantém vivo em Florianópolis por meio do engajamento comunitário, do voluntariado e da resistência cotidiana de cada equipe. O projeto também busca compreender o valor simbólico e social dos clubes para seus bairros, analisando o retorno que o esporte proporciona às comunidades.

Palavras-chave: Futebol amador. Liga Florianopolitana de Futebol. Comunidades. Paixão.

ABSTRACT

This Final Course Project consists of a medium-length documentary that addresses the Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), an entity created in 1996 and responsible for non-professional football competitions in Florianópolis, the capital of Santa Catarina. The film, divided into thematic blocks, details the history and creation of the league, the challenges faced by clubs to survive, investments in athletes and the participation of former professional players, as well as the passion and dedication of those involved in the competitions. The story is mainly told by managers, players, fans, and presidents of the clubs and the LIFF. The goal is to show how non-professional football remains alive in Florianópolis through community engagement, volunteerism, and the daily resilience of each team. The project also seeks to understand the symbolic and social value of the clubs for their neighborhoods, analyzing the return that the sport provides to the communities.

Keywords: Amateur football. Liga Florianopolitana de Futebol. Communities. Passion.

SUMÁRIO

1.APRESENTAÇÃO DO TEMA.....	16
2.JUSTIFICATIVA.....	18
3.OBJETIVOS.....	18
3.1OBJETIVO GERAL.....	18
3.2OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
4.ESCOLHA DO TEMA E FORMATO.....	19
5.DESCRICÃO DO PRODUTO.....	20
6.CONSTRUÇÃO NARRATIVA.....	21
7.DESENVOLVIMENTO	22
7.1 USO DE ARQUIVOS.....	26
7.2 ENTREVISTAS	26
7.3 PRODUÇÃO	27
7.4 EDIÇÃO E REVISÃO DO MATERIAL	31
8.CRONOGRAMA	32
9.ORÇAMENTO	33
10.ORIENTAÇÕES	34
11.DIFICULDADES E APRENDIZADOS.....	36
11.1 PROBLEMAS TÉCNICOS NA FILMAGEM.....	36
11.2 CASO WESLEY	37
11.3 DESLOCAMENTOS POR FLORIANÓPOLIS	38
11.4 AUSÊNCIA DE DISCIPLINAS QUE TRATEM DE DOCUMENTÁRIO	39
12.CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	45
APÊNDICE A – ROTEIRO TÉCNICO	45
ANEXO	61
ANEXO A – FICHA DE TCC.....	61
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	63

1. APRESENTAÇÃO DO TEMA

O futebol é uma das principais expressões culturais brasileiras, com forte presença em diferentes esferas da sociedade. Em paralelo ao futebol profissional, altamente estruturado, de caráter competitivo e mercantil, a prática amadora — ou não profissional — desempenha um papel relevante na construção de identidades locais, na sociabilidade entre moradores e na manutenção de tradições regionais.

A sociedade se revela tanto pelo trabalho quanto pelo esporte, religião, rituais e política. Cada uma dessas esferas é uma espécie de "filtro" ou de operador, através do qual a ordem social se faz e refaz, inverte-se e reafirma-se num jogo básico para a sua própria percepção enquanto uma totalidade significativa. (DaMatta, 1982, p.23)

Essa prática esportiva amadora é organizada por clubes, federações e ligas, mas sem necessariamente constituir vínculo profissional entre seus participantes. Também chamado de futebol de várzea, materializa-se em competições que apresentam organização e regras próprias, mesmo que, em muitos aspectos, inspiradas no futebol profissional (DAMO, 2003).

Em Santa Catarina, o futebol amador está presente em campeonatos municipais, regionais e estaduais. Florianópolis é um exemplo dessa realidade, com uma liga amadora de futebol de campo em atividade há quase três décadas: a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF).

A LIFF foi fundada em 20 de junho de 1996, após a transferência da sede da Federação Catarinense de Futebol (FCF) para Balneário Camboriú, no Litoral Norte de Santa Catarina. Com a mudança, a capital catarinense ficou carente de uma entidade organizadora das competições esportivas locais. Nesse contexto, a LIFF se tornou responsável pelos campeonatos oficiais de futebol na categoria amadora no município.

A liga é filiada à FCF, reconhecida pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e declarada como de Utilidade Pública, o que, além de reconhecer os serviços prestados à sociedade, permite benefícios legais, como o acesso a recursos públicos. Sua estrutura de funcionamento envolve um presidente, vice-presidente, auxiliar administrativo, conselheiros fiscais e suplentes, além de comissão disciplinar.

Com sede no Centro Social Urbano do Saco dos Limões, na região central de Florianópolis, a LIFF ocupa uma sala que funciona como secretaria, em que fornece apoio, orientações e serviços aos clubes. Além disso, mantém um site

(<https://liff.com.br/>) na internet em que publica decisões a respeito do funcionamento das competições, resultados de julgamentos na justiça desportiva e informações relacionadas à transparência do campeonato.

Em 2025, a LIFF foi responsável pela organização de três competições esportivas na capital catarinense: adulto, com 13 times; juvenil (sub-17), com 11 times; e infantil (sub-15), com 13 times. Ao todo, 21 clubes diferentes estiveram envolvidos nos campeonatos. Cada equipe possui uma delegação de 40 jogadores inscritos e, ao menos, cinco membros de comissão técnica. Conforme estimado pela LIFF, quase 1500 atletas participaram dos torneios no ano.

Mesmo envolvendo um número significativo de participantes e com presença massiva de torcedores - dada a ligação entre clubes e comunidades - o futebol amador de Florianópolis não possui visibilidade em grandes veículos midiáticos do estado. A cobertura aprofundada das competições é feita exclusivamente pelo BATEBOLA SC, canal do Youtube de 13 mil inscritos que realiza transmissões e divulgações dos campeonatos de maneira independente. O canal foi criado e é mantido por Sandro Machado, que começou de maneira autônoma e, mesmo sem formação acadêmica nas áreas da comunicação, administra o projeto há 23 anos.

A grande mídia, de alcance nacional e estadual, simplesmente ignora a existência do futebol comunitário ou notabiliza-o por meio de seus subprodutos - confusões, improvisos, bebedeiras e comilanças etc. Vez por outra aparece uma nota, quase sempre por benevolência pessoal do jornalista. (Damo, 2003, p. 42)

A competição adulta de 2025 contou com a participação de clubes de todas as regiões da Ilha, o que evidencia a relevância e tradição do futebol amador para as comunidades e bairros. Os clubes participantes foram: Bandeirante, Canto do Rio e Cruz de Malta (Sul da Ilha); AEK Floripa, Atlético Catarinense, Barrense, Paulo Ramos Júnior e Vila Nova (região central); Grêmio Cachoeira, Ponta das Canas, Náutico, Triunfo e Vila (Norte da Ilha). O torneio foi dividido em dois grupos, com as melhores equipes se qualificando para as fases eliminatórias. O campeonato durou quase quatro meses, com a fase de grupos iniciando no dia 20 de julho e o jogo de volta da final sendo realizado no dia 16 de novembro.

2. JUSTIFICATIVA

Dado o contexto de grande importância para os bairros no qual o futebol amador está inserido, o presente trabalho busca demonstrar, através de um documentário, como a LIFF e os clubes se organizam e sobrevivem em meio aos desafios para manutenção de suas atividades.

A proposta, além de dar visibilidade jornalística ao tema, visa abordar a realidade das associações que compõem as competições, bem como a vivência dos jogadores, dos torcedores, das comunidades e das demais pessoas envolvidas.

Além disso, mesmo sendo uma atividade que envolve milhares de pessoas na capital catarinense, a LIFF e seus clubes carecem de um material aprofundado sobre sua história e seu presente. Dessa forma, o trabalho preenche essa lacuna ao fazer um apanhado geral sobre a criação da entidade e seus clubes, além de contribuir para a valorização do futebol amador em Florianópolis.

3. OBJETIVOS

3.1 OBJETIVO GERAL

Compreender a história, desafios e motivações da liga e dos clubes que formam o futebol amador de Florianópolis.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Mapear os principais desafios enfrentados pelos clubes amadores locais;
- b) Identificar estratégias de sobrevivência adotadas pelo futebol comunitário;
- c) Analisar o papel social desempenhado por esses clubes nas comunidades em que estão inseridos;
- d) Observar a identificação criada entre clube, torcedores e moradores dos bairros;
- e) Dar visibilidade jornalística ao futebol amador do município;
- f) Observar o caráter competitivo dos torneios amadores.
- g) Realizar um apanhado histórico sobre a liga e as competições de futebol amador em Florianópolis.

4. ESCOLHA DO TEMA E FORMATO

A escolha do tema se deu, primeiramente, pela nossa afinidade com futebol. Ao longo de toda a graduação em Jornalismo estivemos envolvidos em projetos de extensão do curso que tratavam do esporte, especialmente em produções radiofônicas, através de jornadas esportivas e programas de mesa-redonda. Além disso, produzimos diversos materiais sobre o tema em disciplinas curriculares. Portanto, é um tema que temos proximidade e conhecimento.

A escolha pelo futebol amador se deu, em linhas gerais, por dois motivos: o primeiro, a relevância do esporte para as comunidades e bairros da capital catarinense, no qual a produção do trabalho se encaixa como forma de dar visibilidade a essa prática; e a segunda motivação é a maior facilidade de acesso às fontes e jogos. Uma produção sobre o futebol profissional dificilmente teria o grau de profundidade que atingimos: conseguimos entrar em campo em todos os jogos que fomos, entrevistamos as fontes que desejávamos e tivemos total respaldo da organização do campeonato.

A escolha pelo formato decorreu do fato que sentíamos uma carência na produção de um material audiovisual de alto nível e grande profundidade. Ao longo das disciplinas do curso, nos habituamos a produzir materiais mais curtos, voltados para o telejornalismo tradicional, com duração de dois a três minutos e narrativa simples. A produção de um documentário, portanto, visava preencher essa lacuna por um material de longa duração e que também servisse de portfólio para o ingresso no mercado de trabalho.

Além disso, ao analisar a temática, observamos que a melhor forma de apresentar a ideia que tínhamos era através de uma grande produção audiovisual. Não seria possível retratar o que presenciamos ao longo da produção do trabalho em outra linguagem que não fizesse uso extensivo de imagens. Uma produção em texto, por exemplo, poderia usar fotografias, mas não traria a dimensão do movimento e emoção presente em um jogo de futebol. Em áudio, mesmo que a linguagem radiofônica permita o ouvinte a imaginar os cenários, não seria possível construir a narrativa de maneira tão direta e imediata como em um produto audiovisual. Dessa forma, o documentário se tornou a melhor opção para retratar um pouco da realidade daquilo que vivenciamos ao longo da apuração.

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A

natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são construídas determinam a singularidade da narrativa documentário em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (Vargas, 2010, p. 113)

O trabalho, então, além de se tratar de assunto de nosso interesse, se manifesta como um desafio, visto que nunca havíamos produzido nada na área documental.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto “No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis” se trata de um documentário, com duração de 28 minutos, dividido em quatro blocos temáticos. O trabalho é baseado em entrevistas com personagens conectados à história e à atualidade da liga, como dirigentes, jogadores, torcedores e moradores dos bairros envolvidos.

O primeiro bloco trata da história e criação da LIFF. A narrativa se baseia nos depoimentos de quem participou do processo de construção da entidade, bem como de quem acompanhou a evolução da liga durante os anos. Além disso, são apresentados jornais divulgados na época de fundação da entidade, bem como é contextualizado o funcionamento do campeonato atualmente.

A segunda parte apresenta os desafios enfrentados pelos clubes, especialmente em termos financeiros e de infraestrutura, e quais são os mecanismos utilizados para superar esses obstáculos. Os relatos são majoritariamente de dirigentes de clubes, que trazem um panorama sobre as dificuldades enfrentadas.

O terceiro bloco trata dos investimentos realizados no futebol amador, ao ponto de que se constata um estágio de “semiprofissionalização”. Dirigentes, jogadores, técnicos e árbitros falam sobre esse crescimento da prática esportiva amadora. Diferenças entre a prática amadora e a prática profissional também são retratadas por alguns personagens.

O bloco final aborda as paixões, motivações e frustrações das pessoas que integram o cotidiano do futebol amador. Por se tratar da última parte do documentário, a narrativa é mais emocional, voltada para o que o futebol amador desperta em cada pessoa. Essa etapa utiliza relatos de variadas fontes, com o objetivo de retratar a visão de diferentes integrantes do contexto do futebol amador.

Os blocos foram separados por pequenas vinhetas de transição, nas quais são apresentados os nomes de cada parte. A escolha pela nomeação individual de cada bloco ocorreu para tornar mais visível a divisão temática de cada parte.

6. CONSTRUÇÃO NARRATIVA

Desde o início definimos que não faríamos o uso de passagens ou qualquer aparição dos repórteres. Além de não ser de nosso interesse editorial, consideramos que não havia necessidade: estávamos tratando de um assunto específico, do qual não fazemos parte cotidianamente e, portanto, não deveríamos ser vistos como as “estrelas” do trabalho. A construção narrativa não deveria ser guiada pela nossa presença.

Pela definição de João Elias da Cruz Neto (2008), o uso da passagem é necessário nos seguintes casos: para mudar o ambiente; quando há informação, mas não há imagem sobre o assunto; informações de diferentes assuntos no mesmo local; divulgação de números e estatísticas; para conectar as falas de entrevistados; e para ligar informações do passado e do presente. O entendimento na produção do trabalho foi de que esses contextos não se aplicavam para os materiais coletados.

O foco precisava ser a narrativa entregue por cada uma das pessoas, os relatos de cada personagem da história. Além disso, queríamos utilizar o mínimo possível de locução/narração, para que o enredo fosse desenvolvido a partir das entrevistas. Tal escolha trouxe desafios para a montagem do documentário, mas se mostrou acertada para a construção do projeto.

É possível igualmente criar tipos sociológicos sem o recurso da narração. A estrutura é mais trabalhosa, porque o material a ser montado depende exclusivamente da fala dos personagens. O sistema, porém, pode funcionar da mesma maneira e ter inclusive a chancela de “mais real”, justamente pela ausência de locução. (Lins, 2004, p. 71).

Com isso definido, a narrativa seria sustentada de duas maneiras: através dos relatos coletados nas entrevistas e das imagens obtidas, especialmente em jogos do campeonato amador. Ao acompanhar os jogos, a ideia foi de realizar gravações de tudo que fosse possível, mas sem interferir no cenário. O objetivo era estar ali como observador daquela realidade. (Lins; Mesquita, 2008).

Nas poucas inserções com uso de locução, a linguagem adotada foi simples e direta, visto que o trabalho busca ser acessível para todo fã de esporte e, para além

disso, ser compreendido pelos envolvidos com o futebol amador da capital catarinense. Um grande objetivo era de que o produto proporcionasse um retorno para os bairros, comunidades e personagens que dedicaram um tempo para darem seus depoimentos e contribuírem com o trabalho. Portanto, a linguagem deveria permitir o entendimento facilitado do assunto.

Ao final, entendemos que o produto se tratava de um documentário, se diferenciando das grandes reportagens em vídeo. Entre eles, foi observada a profundidade emocional conferida ao trabalho, no qual não há busca incessante pela objetividade. O foco é evidenciar aquilo que foi filmado, sem alterar tal realidade.

O compromisso aqui é com algo mais difuso e complexo do que a mera 'objetividade'. O documentarista procura ser fiel a um só tempo à sua verdade e à verdade dos personagens e situações filmadas. Não se busca um recorte pretensamente objetivo ou neutro do mundo. O documentário oferta-nos, isso sim, um mundo novo, forjado no embate entre a realidade filmada e a sensibilidade de um cineasta. (Gomes; Melo; Moraes; 2001, p.6).

Outra escolha editorial foi entender a prática esportiva alvo do documentário como amadora. Pela definição da Confederação Brasileira de Futebol, os campeonatos da Liga Florianopolitana de Futebol são vistos como “não profissionais”. Entretanto, todas as pessoas, documentos e arquivos que tivemos contato tratam como “futebol amador”. A própria LIFF reconhece que o contexto no qual os campeonatos estão inseridos é o amadorismo. Além disso, o termo “não profissional” pareceu pouco palpável para apresentação no audiovisual.

Optou-se também por não chamar a prática amadora de futebol de várzea, para evitar um termo pejorativo sobre a temática. O entendimento foi de que a várzea constitui um nível de organização bem inferior do que o apresentado nos campeonatos da LIFF.

7. DESENVOLVIMENTO

O trabalho de pré-apuração, iniciado no mês de abril com a disciplina de Planejamento de TCC, foi um processo importante para conhecer e entender sobre o futebol amador de Florianópolis, visto que, por nenhum dos dois serem naturais do município, tivemos nossos primeiros contatos com os membros dos clubes e da liga

durante esse período. Esse diálogo com as entidades foi essencial para a elaboração do pré-projeto e para que as fontes entendessem o trabalho que seria realizado durante o ano.

Foi realizado um levantamento preliminar das informações disponíveis acerca da LIFF e das competições de futebol amador. Essa etapa envolveu a análise de materiais já divulgados pela mídia local, bem como o estudo de registros institucionais e históricos sobre a liga. A pré-apuração permitiu delinear um panorama inicial sobre a organização das competições, o funcionamento dos clubes e a relevância sociocultural do futebol amador.

Em junho, participamos do congresso técnico, um encontro da liga com os representantes dos clubes para definir as configurações e o estatuto do Campeonato Municipal Adulto. O evento foi muito importante para que os representantes das competições nos conhecessem, apresentando a nossa proposta do documentário, solicitando autorização para acompanhamento das atividades e aprofundando a apuração das informações. Foram obtidos dados referentes ao financiamento das competições, à estrutura organizacional das competições e às dinâmicas internas dos clubes. Após solicitado à LIFF, foi obtido acesso aos dados detalhados para execução de cada campeonato. Para a edição de 2025 do Campeonato Municipal Adulto foram recebidos R\$ 198.938,71. Os repasses financeiros à liga são feitos pelo poder público, através da Prefeitura Municipal de Florianópolis, e também por vereadores da capital catarinense, via emenda parlamentar.

Com o estatuto e o calendário de jogos definidos, começamos a estruturar a programação de trabalho e criar esboços de roteiro para o documentário. Os meses de julho e agosto foram dedicados à preparação técnica do documentário. Nessa fase, elaboramos a organização metodológica da produção, contemplando a definição da linha editorial, a pré-roteirização das sequências e a construção de um plano de gravação que orientasse o trabalho de campo. (Lins; Mesquita, 2008)

Optamos por acompanhar três clubes de diferentes regiões de Florianópolis: Náutico (Norte), Canto do Rio (Sul) e Atlético Catarinense (Trindade, na região central). A escolha por essa divisão geográfica se deu como forma de conseguirmos acompanhar as particularidades culturais, estruturais e sociais dos clubes por toda Florianópolis. Mesmo sabendo que cada equipe possui sua realidade, acreditamos que, com a divisão por regiões, seria possível ter um panorama geral sobre a estrutura do futebol amador do município.

As primeiras gravações do documentário foram realizadas no início de setembro com o clube Canto do Rio, representante da região sul de Florianópolis. No momento da produção, a equipe já havia iniciado sua participação na primeira fase da competição e apresentava desempenho instável, com riscos concretos de eliminação ainda na etapa de grupos. Esse contexto competitivo influenciou tanto o planejamento das gravações quanto a postura dos torcedores entrevistados, que demonstravam insatisfação com os resultados esportivos e recusaram gravações e entrevistas.

Durante essa etapa, entrevistou-se inicialmente o presidente do clube, Alécio Júnior, o "Pepê", no qual surgiram dois desafios relevantes para o desenvolvimento do trabalho. O primeiro caracterizou-se por um problema técnico: algumas baterias da câmera apresentaram rápida perda de carga durante a entrevista, interrompendo a gravação em mais de uma oportunidade. Isso exigiu paradas frequentes, impactando o fluxo da conversa e revelando a necessidade de aprimoramento da preparação técnica dos equipamentos do laboratório de telejornalismo do curso. O segundo desafio foi por conta do próprio entrevistado, que demonstrou pouca intimidade com a presença das câmeras e encontrava-se apressado devido a compromissos previamente agendados, resultando em respostas mais curtas e menor aprofundamento nos tópicos pretendidos.

Diante desses fatores, optamos por realizar uma segunda entrevista na semana seguinte. Essa decisão permitiu aprimorar tanto a qualidade do registro quanto o conteúdo obtido. Com maior disponibilidade de tempo e uma preparação mais adequada, foi possível explorar de maneira mais ampla temas institucionais e históricos, além de registrar a estrutura física da sede do clube, obtendo imagens e informações essenciais para a construção narrativa do documentário.

Observamos que o clube direciona grande parte de seus esforços para ações sociais e atividades comunitárias realizadas no salão de eventos da entidade, tais como festas, bingos e confraternizações. Esses eventos configuram a principal fonte de arrecadação financeira do clube, contribuindo para a manutenção de sua estrutura física e para o fortalecimento dos vínculos com a comunidade local.

A partir dos depoimentos coletados, tornou-se evidente que o Canto do Rio adota uma estratégia distinta em relação ao investimento esportivo. O clube opta por reduzir gastos relacionados ao futebol, priorizando a participação de atletas da própria comunidade, cuja vinculação afetiva e voluntária diminui a necessidade de repasses financeiros, auxílios ou remunerações. Essa postura evidencia uma dinâmica de

resistência pela valorização das relações de pertencimento e pela manutenção de práticas sociais que transcendem o desempenho esportivo em si.

No mês de setembro, foram realizadas as entrevistas e a cobertura das partidas do Atlético Catarinense, localizado no bairro Trindade, região central de Florianópolis. Diferentemente do Canto do Rio, cuja sustentação institucional se apoia em ações comunitárias e eventos sociais realizados em sua sede, o Atlético apresenta uma configuração organizacional centrada predominantemente no desempenho esportivo. Campeão do Campeonato Municipal de 2024, o clube opera com prioridades distintas e não promove atividades sociais como forma de arrecadação ou integração comunitária. Além disso, não dispõe de uma sede própria, o que reforça seu caráter essencialmente competitivo. A coleta de depoimentos com dirigentes, atletas e membros da comunidade demonstrou que o clube investe diretamente em seus jogadores, destinando recursos para a formação de um elenco capaz de competir em alto nível.

Os jogos realizados no Campo da Gruta, sua principal praça esportiva, configuram-se como eventos de grande mobilização local. As partidas transcendem o caráter estritamente competitivo e assumem um aspecto festivo, reunindo torcedores, moradores da região e simpatizantes em um ambiente de sociabilidade. Assim, embora o clube não promova ações sociais formais, seus jogos acabam por desempenhar papel semelhante ao das atividades comunitárias presentes em outras agremiações, funcionando como espaços de encontro, lazer e construção identitária.

As gravações realizadas com o Náutico, sediado no bairro Santinho, evidenciaram uma série de desafios técnicos que impactaram diretamente o processo de produção do documentário. Na ocasião, foi entrevistado o dirigente Fernando Machado, o “Borussia”, cuja participação era fundamental para compreender a organização interna do clube, suas estratégias de manutenção e seu papel social na região Norte da capital. Durante a entrevista, enfrentamos um problema técnico de maior gravidade: além das recorrentes falhas na autonomia das baterias, a câmera apresentou riscos e marcações na lente que comprometeram a nitidez da imagem. Embora o visor do equipamento não evidenciasse plenamente o defeito no momento da gravação, a revisão posterior dos arquivos em um computador confirmou a deterioração do material, inviabilizando parte das imagens registradas com o equipamento principal.

Diante dessa situação, a gravação realizada com o celular, inicialmente pensada como um registro complementar, assumiu papel central na preservação da entrevista. Apesar das limitações inerentes ao dispositivo, como variações de iluminação, menor controle técnico e enquadramento menos estável, o material obtido apresentou qualidade satisfatória e garantiu a utilização dos depoimentos no documentário.

7.1 USO DE ARQUIVOS

Consideramos importante que, para contextualização histórica do nosso documentário, fossem utilizados arquivos que tratassem dos primeiros campeonatos e da fundação da liga. Para utilização de imagens de jogos, o contato com Sandro Machado, criador do canal BATEBOLA SC, foi fundamental. Ele nos passou gravações das primeiras competições e matérias produzidas sobre a comemoração de 10 anos da LIFF, no qual a fundadora da entidade, Odete Aparecida Muniz, concedeu entrevista para o canal. O depoimento dela foi utilizado no documentário, o que evidenciou a importância dessa busca por arquivos. Trechos de jogos gravados do primeiro campeonato, realizado em 1997, também foram utilizados.

A busca por jornais que noticiaram os campeonatos da liga foi um desafio maior. A liga não dispunha desses documentos, o que demandou maior pesquisa pelas informações. Os materiais foram encontrados na Biblioteca Pública de Santa Catarina, localizada no Centro de Florianópolis. O único jornal que noticiou com maior contundência a criação da liga foi “O Estado”. Entretanto, a busca por esses materiais foi extensa, visto que eles não estavam separados ou destacados nos jornais. Para encontrar matérias sobre a fundação da liga, por exemplo, recebemos um caderno com todas as edições do jornal publicadas em junho de 1996, no qual precisamos buscar página por página para localizar o assunto desejado. Após a longa pesquisa, foi possível coletar bons textos, que foram utilizados no documentário como ilustração.

7.2 ENTREVISTAS

No geral, as entrevistas realizadas podem ser divididas de duas formas: entrevistas temáticas curtas e entrevistas em profundidade. Os relatos curtos foram coletados durante os jogos de futebol amador que acompanhamos durante a apuração. Por se tratarem de contextos mais dinâmicos, como um intervalo de jogo

ou uma saída de campo, não era possível aprofundar a entrevista. As perguntas eram mais diretas e os relatos foram inseridos de forma curta no documentário. Em geral, esse formato foi utilizado com torcedores, jogadores e técnicos.

As entrevistas em profundidade, que sustentam grande parte do trabalho, foram feitas com ex-jogadores, dirigentes de clubes e da liga. Esse formato permitiu uma conexão maior com os entrevistados e também possibilitou relatos mais bem construídos.

O objetivo da entrevista, aí, não é um tema particular ou um acontecimento específico, mas a figura do entrevistado, a representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser, geralmente relacionada com outros aspectos de sua vida. Procura-se construir uma novela ou um ensaio sobre o personagem, a partir de seus próprios depoimentos e impressões. (Lage, 2001, p. 33)

A escolha dos entrevistados se deu por diferentes motivos: dirigentes e técnicos foram escolhidos pelo cargo que ocupam; jogadores foram escolhidos durante os jogos, seja pelo destaque com boa atuação em campo ou por alguma informação interessante que obtivemos sobre o atleta e que consideramos relevante para gerar a entrevista; árbitros foram indicados pelo presidente da LIFF, Manoel de Paula Machado; ex-jogadores foram indicados por Sandro Machado.

Algumas entrevistas extras foram realizadas, mas acabaram não sendo utilizadas no documentário. Pela limitação de tempo que estabelecemos, não seria possível incluir todos os relatos. Ficaram de fora: entrevista com delegado de jogo, segurança e um torcedor.

7.3 PRODUÇÃO

A etapa de separação das imagens de cobertura e decupagem das entrevistas foi fundamental para organizar o material coletado ao longo da produção. As imagens de cobertura foram gravadas durante os jogos do campeonato e nas visitas realizadas às sedes dos clubes acompanhados. No caso do Náutico e do Canto do Rio, também foram registradas imagens das dependências dos estádios e das sedes sociais dos clubes. Para o Atlético Catarinense, a gravação da sede não se aplicou, uma vez que o clube não possui um espaço social estruturado.

Durante os dias de jogos, o registro concentrou-se em dois eixos principais: torcida e nuances das partidas. Para ampliar a variedade de ângulos e garantir diferentes enquadramentos, dividimos o trabalho de gravação. Em diversas partidas,

um dos autores permanecia dentro do campo, autorizado pela organização da liga, enquanto o outro registrava a movimentação da torcida ou se posicionava na outra extremidade da linha lateral. Essa divisão permitiu captar o jogo de diferentes perspectivas e contribuiu para a construção visual do documentário e na variedade de imagens.

As gravações foram feitas tanto com o celular quanto com a câmera do Laboratório de Telejornalismo do curso. Os celulares acabaram apresentando resolução superior, mas ambos os equipamentos foram utilizados ao longo das gravações, especialmente nos jogos.

Para organizar esse material, criamos um Google Drive exclusivo para o trabalho, no qual as imagens foram separadas por pastas temáticas. A divisão das pastas considerou elementos como equipe, tipo de cena (jogo ou torcida) e local de gravação, o que facilitou a localização dos arquivos no momento da montagem do documentário.

A decupagem das entrevistas seguiu dois procedimentos complementares. Inicialmente, utilizamos o Google Pinpoint para importar os arquivos de áudio e vídeo e gerar a transcrição automática, o que permitiu visualizar de maneira mais rápida o conteúdo das falas. Além disso, reassistimos todas as entrevistas integralmente, anotando as minutagens e os assuntos tratados nos trechos considerados mais relevantes. Esses registros foram organizados em uma pasta específica no Google Drive, contendo as declarações selecionadas e indicações dos momentos-chave. A combinação entre o uso do Pinpoint e a revisão manual das entrevistas garantiu maior precisão na identificação dos trechos que seriam utilizados no roteiro final.

Após a etapa inicial de organização dos arquivos, foi necessário definir quais imagens seriam, de fato, utilizadas na montagem do documentário. Para isso, adotamos critérios que permitissem não apenas a coerência narrativa, mas também a valorização estética e emocional do material coletado. A seleção priorizou imagens de cobertura que dialogassem diretamente com as falas apresentadas durante as entrevistas. Assim, sempre que possível, evitamos manter longos trechos com o entrevistado no quadro, optando por planos que ilustrassem visualmente a temática abordada. No caso de jogadores, por exemplo, buscou-se utilizar imagens deles em ação durante as partidas, o que ajudou a criar um equilíbrio entre a narrativa verbal e a visual.

Grande parte do material coletado, contudo, precisou ser descartado. Em contextos dinâmicos como jogos de futebol, situações de trepidação, variações bruscas de iluminação e limitações técnicas dos equipamentos foram frequentes. Diante disso, optamos por manter apenas os planos que apresentavam estabilidade, boa nitidez e potencial narrativo, especialmente aqueles que evidenciavam movimento, emoção da torcida e a atmosfera particular das partidas. Esse recorte tornou o produto final mais coeso e visualmente consistente.

A integração entre a decupagem das entrevistas e a montagem do roteiro representou uma das etapas mais desafiadoras do processo. Desde o início, reconhecíamos que o material coletado era rico e diverso, o que tornava difícil definir uma linha narrativa única sem risco de dispersão temática. A principal questão era delimitar o foco: falar sobre o futebol amador como um todo era amplo demais, e a Liga Florianopolitana de Futebol, por si só, também abria múltiplos caminhos possíveis.

A divisão do documentário em quatro blocos temáticos surgiu justamente da leitura cuidadosa da decupagem. Ao revisar as entrevistas, identificamos recorrências claras nas falas dos personagens, o que sinalizou quais seriam os eixos estruturantes do roteiro (Lins; Mesquita, 2008). O primeiro deles tratava da história e criação da liga, tema inevitável e necessário para introduzir o espectador no universo do futebol amador de Florianópolis. A existência de arquivos históricos da fundação reforçou a pertinência desse bloco, que se tornou uma contextualização inicial.

O segundo eixo narrativo emergiu das falas sobre a relação entre clubes e comunidades. Dirigentes, torcedores e jogadores mencionavam repetidamente a função social desempenhada pelas associações, algo que ultrapassa o aspecto esportivo. Assim, tornou-se natural dedicar um bloco ao caráter comunitário dessas equipes.

O terceiro bloco foi definido a partir da recorrência das menções a investimentos no futebol amador, especialmente no pagamento de ajudas de custo para jogadores. Esse fenômeno, associado a uma forma de “semiprofissionalização”, apareceu tanto nos relatos de dirigentes quanto na observação empírica feita durante as gravações. Reconhecemos, portanto, que seria essencial tratar dessa transformação no cenário amador.

Por fim, a leitura da decupagem evidenciou a presença de falas emocionais sobre paixão, frustração, pertencimento e memória afetiva. Isso levou à construção

do quarto bloco, dedicado ao valor simbólico do futebol amador para quem o pratica e acompanha.

A partir dessa organização temática, o processo de montagem se tornou mais claro. Como já havia uma decupagem detalhada por assunto, foi possível encaixar as falas dentro de cada bloco, garantindo um encadeamento lógico e mantendo coerência entre narrativa, ritmo e emoção. Essa divisão permitiu estruturar um roteiro sólido, mesmo sendo nossa primeira experiência com produção documental.

Além das etapas iniciais de decupagem e separação de imagens, foi necessário ajustar o planejamento original das gravações. A intenção inicial era concentrar todas as coletas de imagens - tanto entrevistas quanto imagens de cobertura - ao longo do mês de setembro. Entretanto, na prática, essa previsão não se confirmou.

No que se refere às imagens de cobertura, ao longo da apuração compreendemos que seria fundamental acompanhar o campeonato até o fim. As finais da competição ocorreram somente no início de novembro, último mês destinado à produção do documentário. Optar por não registrar esses momentos significaria perder elementos importantes para a construção narrativa, já que a reta final do campeonato concentra grande parte da emoção, presença das torcidas e tensão esportiva. Assim, ainda que fugisse do planejamento inicial, entendemos que estender as gravações até novembro potencializaria o produto e permitiria registrar detalhes que só se revelam ao final da competição.

O cronograma das entrevistas também precisou ser ampliado. Nosso objetivo era finalizá-las em setembro, porém a disponibilidade das fontes representou um desafio significativo. As agendas dos entrevistados eram variadas e, muitas vezes, não coincidiam com os dias e horários em que os autores tinham disponibilidade. Por motivos acadêmicos e profissionais, havia apenas três dias da semana em que ambos estavam disponíveis para realizar as gravações, o que reduziu a margem de flexibilidade. Em diversos casos, as datas oferecidas pelas fontes não coincidiam com esses períodos, o que atrasou parte das entrevistas e exigiu remarcações sucessivas.

Como consequência, as entrevistas precisaram ser realizadas também no mês de outubro e, em alguns casos, até o início de novembro. Esse prolongamento impactou diretamente o processo de roteirização. O roteiro, que inicialmente havia sido estruturado com base nas primeiras entrevistas e na decupagem inicial, passou por revisões constantes ao longo da produção. Cada novo depoimento trazia informações relevantes, nuances inesperadas ou relatos que ampliavam a

compreensão sobre os temas do documentário, o que exigia adaptações na sequência narrativa.

Dessa forma, o roteiro tornou-se um processo em construção contínua, remodelado à medida que as entrevistas avançavam e novos elementos surgiam. As discussões entre os autores foram essenciais para integrar esses conteúdos recentes sem perder coerência temática. Esse trabalho colaborativo contribuiu para garantir que as falas se conectassem dentro dos blocos narrativos e que a progressão da história mantivesse ritmo, lógica e fluidez.

Às vezes, a falta de maturidade e experiência faz com que muitas vezes o aluno reedite o material mais de cinco vezes para chegar ao que ele acredita ser o material ideal. De certa forma é neste momento que o aluno cria e se supera. Rompe com a fórmula padrão da reportagem especial de televisão ou descobre ser possível realizar um documentário. (Vargas, 2010, p. 126)

A versão final do roteiro foi concluída somente na primeira semana de novembro, momento em que já havia segurança de que todo o material necessário havia sido coletado. A partir desse ponto, foi possível iniciar a montagem definitiva do documentário com uma estrutura narrativa consolidada e alinhada ao propósito inicial do projeto.

7.4 EDIÇÃO E REVISÃO DO MATERIAL

O software principal utilizado para edição foi o Adobe Premiere Pro, tanto em nossos computadores pessoais quanto nos laboratórios do curso de Jornalismo, que nos ofereceram suporte técnico e máquinas capazes de lidar com o volume de arquivos. Utilizamos ainda laboratórios que não tinham como foco a edição de vídeo, como os de infografia e radiojornalismo, mas que possuíam acesso ao pacote Adobe. Esse suporte institucional foi fundamental para garantir fluidez ao processo de edição.

Após a extensa revisão do material coletado, elaboramos os offs. São três trechos narrativos que escrevemos para contextualizar termos técnicos, explicar transições temáticas e dinamizar a narrativa. Esses offs funcionam como elementos jornalísticos que ajudam o espectador a compreender a progressão do documentário e preencher informações que não surgiram nas entrevistas.

A pergunta é sempre a mesma: como devo começar esse trabalho? Costumo dizer que o começo da matéria é resultado do envolvimento do aluno com o tema. Acredito que tanto na reportagem especial como no documentário o

produto “fala” com o editor na ilha de edição. Isso significa que o conteúdo está nas mãos, basta saber montar. (Vargas, 2010, p. 126)

Além da montagem das falas, dedicamo-nos à produção de elementos gráficos. Para isso, utilizamos o CapCut Pro, que se mostrou mais eficiente e ágil para criar animações, transições e artes gráficas, especialmente mapas e logos dos clubes. O software nos ofereceu recursos que reduziram o tempo de trabalho e geraram resultados visuais satisfatórios. A maior dificuldade nessa etapa foi obter logos e arquivos gráficos em boa resolução, já que nem todos os clubes disponibilizavam seus materiais institucionais com facilidade.

Também produzimos no CapCut as vinhetas de transição entre blocos e as animações de texto e gráficos, devido à praticidade e à variedade de ferramentas do programa. Posteriormente, integramos esses elementos ao projeto no Premiere, junto com as trilhas sonoras. A escolha das trilhas exigiu atenção especial às questões de direitos autorais, demandando busca por músicas de uso livre ou devidamente licenciadas.

Na fase final, concentramos nossos esforços na montagem: integrar cortes, sonoras, offs, trilhas e elementos gráficos. Ainda que o tempo de produção tenha sido reduzido, considerando que todo o processo ocorreu dentro de um único semestre, a divisão de tarefas, a organização sistemática e a colaboração constante permitiram alcançar um trabalho eficiente e tecnicamente consistente.

8. CRONOGRAMA

O cronograma de produção do documentário passou por diversas adaptações ao longo do semestre, em função tanto das demandas da apuração quanto das limitações de tempo e disponibilidade das fontes. Inicialmente, após a etapa de pré-apuração realizada ainda no semestre de Planejamento de TCC, definimos uma divisão clara das etapas de trabalho para o semestre dedicado à produção. Como a realização do documentário coincidia com o andamento do Campeonato Adulto de Futebol Amador de Florianópolis, seria necessário alinhar o processo de gravação às datas das competições.

Entretanto, logo nas primeiras semanas de setembro tornou-se evidente que o plano precisaria ser readequado. Dessa forma, parte significativa das entrevistas e dos registros visuais se estendeu até a primeira semana de novembro. Para evitar que esse atraso comprometesse as etapas finais, optou-se por iniciar simultaneamente a

montagem do roteiro e a seleção preliminar das imagens, ainda em outubro, mesmo sem a apuração totalmente concluída.

Essa estratégia permitiu identificar lacunas narrativas, temas insuficientemente abordados e trechos que exigiam complementação, o que possibilitou corrigir a rota com tempo hábil. Ao início de novembro, mesmo com a apuração ainda em sua fase final, já havia uma organização sólida do material: entrevistas decupadas, imagens separadas por categorias e qualidade, e uma base narrativa estruturada. Isso viabilizou que a montagem fosse realizada de maneira concentrada, mas eficiente, nas semanas seguintes.

Paralelamente à edição do documentário, também foi necessário conciliar a produção deste relatório técnico, que igualmente demandou tempo significativo e revisões constantes. Apesar da sobrecarga concentrada no mês de novembro, o cronograma adaptado mostrou-se funcional, permitindo que todas as etapas fossem concluídas dentro do prazo previsto para apresentação à banca.

9. ORÇAMENTO

Todo projeto foi realizado com recursos financeiros próprios. Contudo, alguns equipamentos não tiveram custo, visto que foram emprestados junto ao Laboratório de Telejornalismo, mas os valores desses aparelhos foram agregados ao valor final de produção.

A estimativa de valores para as etapas práticas foi baseada em uma tabela elaborada pelo Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais (2023). A escolha por um levantamento de outro estado foi necessária, visto que a tabela de frilas do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina não detalha preços especificamente para produção de documentários.

Com isso, para facilitar a visualização dos gastos, foi elaborada uma nova tabela detalhando o orçamento do projeto. O principal objetivo da elaboração da tabela foi mensurar o custo do trabalho desenvolvido e, dessa forma, também nos habilitarmos enquanto profissionais. Mesmo que as etapas de gravação, produção, edição e roteiro não tenham tido um custo real, visto que eram essenciais para finalização do TCC, optamos por adicioná-las ao valor final para termos a dimensão de quanto custa o desenvolvimento de um projeto do início ao fim e, dessa forma, sabermos o valor do esforço aplicado na confecção do documentário.

Tabela 1 – Orçamento do trabalho

MATERIAL	VALOR	FONTE DE RECURSO
Câmera Nx5 Sony	R\$ 13.000	UFSC
Microfone lapela	R\$ 50	UFSC
Tripé	R\$ 150	UFSC
Kit tripé, microfone e luz	R\$ 79	Recursos próprios
Celular Iphone 13	R\$ 2.390	Recursos próprios
Celular a55	R\$ 1.900	Recursos próprios
Armazenamento Google Drive	R\$ 11,70 (promoção para três meses)	Recursos próprios
CapCut Pro	R\$ 60 (uma mensalidade)	Recursos próprios
Lenovo IdeaPad	R\$ 2.300	Recursos próprios
Notebook Acer Aspire 3	R\$ 1.700	Recursos próprios
Transporte de aplicativo	R\$ 237,92	Recursos próprios
Transporte coletivo (ônibus)	R\$ 105,85	Recursos próprios
Gravação (saída com equipamento)*	R\$ 25.200 (R\$ 1.680 x 15 dias)	-
Produção*	R\$ 18.900 (R\$ 1.260 x 15 dias)	-
Edição*	R\$ 17.640 (R\$ 630 x 28 min)	-
Roteiro*	R\$ 13.860 (R\$ 495 x 28 min)	-
Valor total: R\$ 97.584,47		

*Valores com base na Tabela de Frilas do Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas Gerais

Fonte: elaborado pelos autores.

10. ORIENTAÇÕES

As orientações acadêmicas desempenharam um papel fundamental ao longo de todo o processo de construção do documentário e do relatório técnico. Elas tiveram início ainda no semestre anterior, durante a fase de Planejamento de TCC, quando ocorreram os primeiros encontros com o professor orientador. Nesses encontros iniciais foram discutidas as possibilidades de abordagem do tema, a delimitação do

objeto, o desenho metodológico e a viabilidade prática da realização de um documentário de média-metragem dentro do calendário acadêmico proposto. Esse momento foi essencial para estruturar o projeto e definir o caminho que seria seguido ao longo do ano.

Com o início oficial do semestre de produção, as orientações passaram a ocorrer quinzenalmente, sempre às sextas-feiras, em encontros presenciais na Universidade Federal de Santa Catarina. Nessa etapa, o foco estava principalmente no acompanhamento da apuração. Eram discutidas decisões sobre quais clubes acompanhar, como se daria o contato com as fontes, quais caminhos narrativos poderiam ser explorados e como lidar com imprevistos de agenda ou dificuldades de acesso. As reuniões funcionaram como um espaço para alinhar expectativas, revisar avanços e ajustar estratégias de campo conforme a coleta de informações avançava.

À medida que a produção ganhou corpo, especialmente após o início das gravações em setembro, as reuniões tornaram-se mais frequentes. Nas semanas finais do semestre, passaram a ocorrer semanalmente. Nesse momento, as orientações deixaram de tratar apenas dos aspectos de apuração e passaram a abordar, de maneira mais direta, questões técnicas do documentário, como as escolhas de estrutura narrativa, organização dos blocos, definição dos encaixes das entrevistas e dos arquivos históricos, além de considerações sobre montagem, ritmo e clareza da narrativa audiovisual.

Esses encontros foram fundamentais para proporcionar uma terceira visão sobre o material, independente do olhar dos autores. A leitura crítica do orientador permitiu identificar excessos, lacunas narrativas, possíveis reorganizações de sequências e ajustes que contribuíram para o fortalecimento da coerência interna do documentário. Também serviram para validar escolhas editoriais, oferecer sugestões práticas sobre linguagem audiovisual e orientar detalhes técnicos relacionados à edição. (VARGAS, 2010)

Nas etapas finais, as orientações passaram a incluir também a revisão do relatório técnico. Foram discutidas a estrutura do texto, a adequação às normas acadêmicas, o equilíbrio entre descrição do processo e justificativa metodológica, além da necessidade de evitar repetições e manter unidade estilística com o restante do trabalho.

11. DIFICULDADES E APRENDIZADOS

11.1 PROBLEMAS TÉCNICOS NA FILMAGEM

Os problemas técnicos envolvendo os equipamentos do Laboratório de Telejornalismo acompanharam praticamente toda a produção do documentário e representaram uma das dificuldades mais marcantes do processo. Esses entraves afetaram tanto a gravação de entrevistas quanto a captação de imagens de cobertura, impactando diretamente o ritmo de trabalho e a qualidade do material obtido.

As entrevistas realizadas ao longo da apuração foram, em sua maioria, gravadas com a câmera profissional do laboratório, escolhida por oferecer maior robustez, estabilidade e credibilidade técnica, especialmente em entrevistas com personagens de maior projeção, como ex-jogadores profissionais. No entanto, a autonomia reduzida das baterias se mostrou um problema recorrente. Após alguns minutos de gravação, a câmera desligava sem aviso, interrompendo depoimentos muitas vezes extensos. Como trabalhávamos em dupla, adotamos a estratégia de dividir funções: enquanto um dos autores conduzia a entrevista, o outro monitorava constantemente o equipamento.

Mesmo assim, as interrupções eram inevitáveis. Em vários momentos foi necessário pedir ao entrevistado que retomasse uma resposta já concluída, o que quebrava o ritmo da conversa, diminuía a espontaneidade e gerava certo desconforto. Em situações de maior profundidade narrativa, essa quebra interferia diretamente na naturalidade do relato, algo sensível para um documentário construído majoritariamente a partir das falas dos personagens.

Além disso, um dos episódios mais críticos ocorreu durante a gravação no Náutico. A câmera apresentou riscos e manchas na lente que não eram visíveis pelo visor durante a entrevista. Apenas ao descarregar o material no computador percebemos que as imagens estavam totalmente comprometidas, com baixa nitidez e interferências que impossibilitavam o uso daquele conteúdo. Esse foi o único caso em que uma entrevista inteira precisou ser descartada.

Os microfones do laboratório também apresentaram falhas. Em algumas ocasiões, desligavam no meio de uma resposta sem que fosse perceptível de imediato, exigindo nova gravação ou reconstrução do trecho perdido. Situações como essa reforçaram a necessidade de constante monitoramento dos equipamentos e evidenciaram limitações estruturais na infraestrutura técnica disponível.

A observação direta do fato, o comportamento do entrevistado, a seleção de imagens que devem ser captadas, a escolha de uma locação são processos que devem ser vividos pelos alunos, pois fazem parte do “modus operandi” tanto da reportagem especial como do documentário, assim ele interpreta e narra os fatos. (Vargas, 2010, p. 126).

Nas imagens de cobertura, os mesmos problemas de risco na lente, sujeira interna e baixa autonomia das baterias se repetiram. Isso resultou em um volume considerável de imagens descartadas, muitas delas gravadas em campo, em momentos de grande movimentação, nos quais o imprevisto e a velocidade da cena dificultavam o controle técnico. Nesses casos, a decisão foi priorizar o material captado em celular ou aproveitar apenas os trechos realmente adequados para composição visual.

Apesar dos desafios, essa etapa deixou aprendizados essenciais, especialmente no que diz respeito ao planejamento técnico, ao uso de equipamentos de backup e à necessidade de verificações constantes durante a gravação.

11.2 CASO WESLEY

A tentativa de entrevista com o lateral Wesley França, atualmente jogador da Roma, na Itália, com passagens pelo Flamengo e Seleção Brasileira, representou uma das buscas mais longas e desafiadoras do processo de apuração. Desde o início, tanto nós quanto o orientador entendíamos que seria extremamente valioso incluir a perspectiva de um atleta que tivesse passado, ainda que brevemente, pelo futebol amador de Florianópolis antes de se profissionalizar.

Wesley atuou em competições de base pelo Triunfo, clube participante da Liga Florianopolitana de Futebol. Ainda que sua trajetória no amador tenha sido curta, restrita a categorias iniciais, ela representava um elo importante para o documentário, visto que seria possível contrastar a visão de um atleta profissional que vivenciou a estrutura do futebol comunitário da capital antes de alcançar o cenário internacional.

Ao longo do trabalho, já havíamos entrevistado personagens com trajetórias semelhantes, mas em movimentos diferentes. O ex-lateral André Santos, por exemplo, fez o caminho inverso: passou pelo futebol profissional em grandes clubes e, posteriormente, atuou no futebol amador de Florianópolis. Também entrevistamos o atacante Gilberto Fortunato (Giba), que começou no amador, se profissionalizou e depois retornou aos clubes comunitários. Faltava, portanto, a perspectiva de quem

trilhou o caminho “ascendente. Nesse sentido, Wesley preencheria precisamente essa lacuna narrativa.

A busca pelo contato, porém, revelou-se bastante complexa. Por se tratar de um atleta atuando na Europa e com carreira em plena ascensão, seu acesso não é simples. Iniciamos o processo recorrendo a jornalistas esportivos de Santa Catarina que pudessem conhecer alguém de sua rede profissional. Foram várias tentativas, todas envolvendo pedidos de intermediação, repasses de contatos e checagens paralelas. A ausência de informações públicas, como telefone da assessoria ou e-mail oficial, tornou o processo ainda mais demorado.

Após semanas de tentativas, conseguimos chegar à assessoria de comunicação do jogador, que recebeu nossa solicitação e ouviu nossa proposta. Explicamos que a entrevista seria curta, realizada de forma remota e com foco específico no período em que Wesley atuou nas bases do Triunfo. Portanto, algo simples e sem qualquer caráter sensacionalista. Mesmo assim, a resposta final foi negativa: a assessoria informou que o atleta não possuía disponibilidade para entrevistas naquele período.

Tentamos ainda reforçar o interesse acadêmico do projeto e a relevância da participação dele para o produto final, mas não houve abertura. Com isso, apesar de todo o esforço realizado ao longo do semestre, a entrevista com Wesley não pôde ser concretizada.

11.3 DESLOCAMENTOS POR FLORIANÓPOLIS

Os deslocamentos pela cidade foram, sem dúvida, o maior desafio logístico de toda a produção do documentário. A escolha de trabalhar com três clubes de regiões distintas de Florianópolis foi essencial para oferecer um panorama amplo da Liga Florianopolitana de Futebol. No entanto, essa decisão trouxe um custo direto, com longas viagens, planejamentos complexos e uma rotina de deslocamentos que interferiu em praticamente todas as etapas do trabalho.

Morando ambos na Trindade, nós tínhamos relativa facilidade para cumprir a agenda de entrevistas e gravações com o Atlético Catarinense, que fica no mesmo bairro. Esse recorte geográfico, porém, não se repetiu com os demais clubes. Tanto o Canto do Rio, no Ribeirão da Ilha, no sul da cidade, enquanto o Náutico, no Santinho (extremo Norte), exigiam deslocamentos longos, cansativos e quase sempre dependentes de planejamento minucioso.

Para o Canto do Rio, o Ribeirão da Ilha rapidamente se mostrou o primeiro grande obstáculo. As saídas precisavam ser feitas com antecedência significativa, considerando trânsito, horários de ônibus e a possibilidade de atraso das próprias fontes. Mesmo quando optávamos pelo carro de aplicativo, o deslocamento ainda demandava tempo e energia, especialmente porque a maior parte das gravações era realizada no período da tarde, em períodos de trânsito intenso. Essa primeira experiência já deixou claro que a logística seria uma parte central da produção.

O caso do Náutico, no Santinho, elevou ainda mais esse grau de dificuldade. Além de a distância ser ainda maior do que a do Ribeirão, o trajeto até o Norte da Ilha passa por vias que frequentemente sofrem com congestionamentos intensos em determinados horários. As duas vezes em que estivemos no Santinho, tanto para jogos quanto para gravação de entrevistas e imagens de cobertura, exigiram deslocamentos longos o suficiente para que, ao chegar ao local, já estivéssemos fisicamente cansados antes mesmo de iniciar a atividade planejada. O trajeto, muitas vezes, consumia mais tempo que a própria atividade de gravação.

Tendo como ponto de partida o departamento de Jornalismo da UFSC, a distância até a sede do Canto do Rio é de 16,3 km. Para o Náutico, a distância a ser percorrida é de 30,9 km.

Além do tempo gasto e do desgaste físico, os deslocamentos exigiam coordenação entre agendas pessoais, compromissos de trabalho, horários das fontes e disponibilidade de transporte. Como as gravações ocorreram durante todo o semestre, e muitas delas em dias de semana, a conciliação entre essas variáveis se tornou um exercício contínuo de adaptação. Houve dias em que foi necessário reorganizar toda a rotina para conseguir aproveitar uma janela curta de disponibilidade de uma fonte; em outros, a própria distância inviabilizava realizar mais de uma gravação no mesmo dia.

11.4 AUSÊNCIA DE DISCIPLINAS QUE TRATEM DE DOCUMENTÁRIO

A ausência de disciplinas voltadas especificamente para a produção de documentários no currículo regular do curso representou um desafio estrutural ao longo do desenvolvimento do trabalho. Embora exista uma disciplina optativa dedicada ao tema, os autores do TCC não tiveram a possibilidade de cursá-la, tanto por questões de horário quanto por limitações de oferta.

A disciplina é tradicionalmente ministrada no período noturno, enquanto a maior parte das disciplinas obrigatórias do curso ocorre pela manhã ou à tarde, o que demandaria uma permanência prolongada na universidade, incompatível com rotinas profissionais e acadêmicas paralelas. Além disso, trata-se de uma disciplina bastante concorrida, ofertada com pouca frequência e que, após a aposentadoria do professor responsável, deixou inclusive de ser disponibilizada até o momento.

Na prática, isso significou que a nossa formação não contemplou uma base técnica prévia sobre linguagem, métodos e processos específicos da produção documental. Havia repertório teórico, referências e obras conhecidas, mas não uma vivência sistemática com as etapas formais de pré-produção, captação, montagem e pós-produção dentro do gênero. Todo o aprendizado, portanto, precisou ser construído na prática, a partir de estudo autônomo, que contou com apoio e supervisão do professor orientador. Além disso, o desenvolvimento do trabalho envolveu a análise de referências e, principalmente, a experimentação contínua durante o desenvolvimento do TCC.

Essa ausência de formação específica não inviabilizou o trabalho, mas tornou mais desafiadora a execução de cada etapa — desde compreender como estruturar uma narrativa documental até lidar com questões técnicas de linguagem audiovisual, registro sonoro, direção de cena, condução de entrevistas e montagem. O processo exigiu um esforço de adaptação constante e um aprendizado acelerado, reforçando a importância da prática como elemento central para dominar o formato.

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização do documentário “No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis” representou um dos maiores desafios enfrentados ao longo da nossa graduação. A produção exigiu conciliar rotinas pessoais, acadêmicas e profissionais com um processo contínuo de apuração, gravação, montagem e revisão que se estendeu por quase dois semestres, considerando também o período de planejamento anterior. Esse percurso demandou organização, disciplina e constante readaptação das etapas, especialmente diante das limitações de tempo e agenda.

O trabalho proporcionou um aprendizado significativo sobre a construção narrativa no formato documental. Diferentemente das reportagens tradicionais do telejornalismo, cujo roteiro tende a ser mais delimitado e previsível, o documentário exige um processo de estruturação mais complexo, aberto e sujeito a múltiplas

possibilidades. Essa liberdade criativa amplia o potencial expressivo do produto, mas também impõe a necessidade de decisões editoriais rigorosas, já que foi necessário definir quem seria entrevistado, quais temas teriam maior espaço, quais falas sustentariam a narrativa e quais imagens traduziriam o universo retratado.

A elaboração do roteiro evidenciou essa complexidade. Foi necessário compreender o teor das entrevistas, identificar os blocos temáticos e estabelecer conexões naturais entre as falas, garantindo fluidez e coerência. Da mesma forma, a seleção das imagens — entre uma coleta extensa de material — exigiu critério e reflexão, buscando sempre a combinação entre sentido narrativo, pertinência temática e impacto visual. Esses elementos contribuíram para consolidar uma visão mais amadurecida sobre escolhas editoriais e sobre o papel da montagem em um documentário.

Outro aspecto importante do processo foi o retorno ao uso do Adobe Premiere. Embora trabalhado nos semestres iniciais do curso, o software havia deixado de ser utilizado com frequência ao longo da formação, o que tornou a edição um exercício de reaprendizado técnico. Aos poucos, essa retomada possibilitou desenvolver maior domínio das ferramentas e compreender de forma mais profunda a lógica da pós-produção.

Ademais, participamos de todas as etapas da produção. Da confecção da pauta, passando pela captação de imagens e busca por arquivos, artes gráficas, edição e revisão, o que nos fez percorrer todo o caminho de produção de um documentário. A experiência difere em certo ponto da produção de um documentário profissional, visto que, para uma produção extensa costuma ser necessário um número expressivo de pessoas envolvidas. O trabalho em dupla concentrou as etapas de produção, mas também permitiu um desenvolvimento técnico em todas elas.

Para além dos aspectos técnicos, o trabalho proporcionou uma imersão na realidade do futebol amador de Florianópolis. Mesmo com interesse prévio pelo esporte, não tínhamos conhecimento sobre a dimensão social, cultural e comunitária dessa prática no município. Acompanhamos jogos, visitamos sedes de clubes, ouvimos histórias, sentimos a atmosfera das partidas e presenciamos a emoção que mobiliza jogadores, dirigentes e torcedores. Esse contato direto reforçou a relevância do futebol amador como espaço de convivência, memória e pertencimento.

Reconhecemos também que não seria possível contemplar todos os aspectos desse universo. Um documentário demanda escolhas, recortes e adequações às

limitações de tempo, recursos e equipe. Ainda assim, acreditamos que o produto final oferece um retrato consistente e sensível do futebol amador da capital catarinense, valorizando as pessoas e as comunidades que o constroem diariamente. Mais do que informar, o documentário pretende devolver a essas comunidades parte de suas próprias histórias, contribuindo para o reconhecimento de um esporte que, embora à margem do profissionalismo, ocupa lugar central na vida de muitos bairros de Florianópolis.

REFERÊNCIAS

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão**: como produzir, executar e editar. Petrópolis: Vozes, 2008. 143 p.

DAMATTA, Roberto. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, Roberto; NEVES, Luiz Felipe Baêta; VOGEL, Arno; LAHUD, Simoni. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982. p. 1-118. Disponível em: <https://ia800602.us.archive.org/0/items/UniversoDoFutebolRobertoDaMatta/Universo%20do%20Futebol%20-%20Roberto%20DaMatta.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2025.

DAMO, Arlei Sander. **Do dom à profissão**: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Hucitec: Anpocs, 2007. 359 p.

DAMO, Arlei Sander. Monopólio estético e diversidade configuracional no futebol brasileiro. **Movimento**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 129–156, 2003. DOI: 10.22456/1982-8918.2807. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2807>. Acesso em: 25 nov. 2025.

GERAIS, Sindicato dos Jornalistas Profissionais de Minas. **Tabela Referencial de Valores para Jornalistas Freelancers**. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/728991836/TabelaFreelaSJPMG2023-Web>. Acesso em: 24 nov. 2025.

INVERNIZZI, Lisandra; VAZ, Alexandre Fernandez; BASSANI, Jaison José. Futebol não profissional em Florianópolis: notas de trabalho. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, Brasil, v. 31, n. 1, p. 271–280, 2017. DOI: 10.11606/1807-5509201700010271. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rbefe/article/view/141777>. Acesso em: 25 nov. 2025.

LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Florianópolis: Record, 2001. 190 p.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. **Flimar o real**: sobre o documentário brasileiro contemporâneo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 94 p.

LINS, Consuelo. **O documentário de Eduardo Coutinho**: televisão, cinema e vídeo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MELO, Cristina Teixeira V. de; GOMES, Isaltina Mello; MORAIS, Wilma. O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral. In: CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 24, 2001, Campo Grande. Artigo. Campo Grande: **Intercom**, 2001. p. 1-14.

VARGAS, Heidy. Documentário: um desafio no aprendizado do jornalismo. **Revista Brasileira de Ensino de Jornalismo**, [S. l.], v. 1, n. 7, p. 107–131, 2010. Disponível

em: <https://rebej.abejor.org.br/index.php/rebej/article/view/119>. Acesso em: 24 nov. 2025.

APÊNDICE

APÊNDICE A – ROTEIRO TÉCNICO

Vídeo	Áudio
Sobe o som Roda Cena vestiário Roda Comemoração Cruz de Malta Roda Entrada Atlético Roda Entrada Arbitragem Roda Torcida Vila Roda Técnico Náutico Roda Arbitragem Discussão Roda Torcida Atlético	DI: “Pra esse momento [..] DF: [...] e amassar eles.” Roda BG <i>(Infraction Football - Main Version)</i>
Roda Vinheta Abertura GC: um documentário de Crizan Izauro e Kauê Alberguini Roda Vinheta Bloco 1	RODA BG <i>(Grauna - Jayme Stone)</i>
Sonora Dequinha	DI: “Liga Florianopolitana de Futebol teve a sua necessidade de

GC: MANOEL MACHADO “DEQUINHA” Presidente da LIFF	criação no momento em que a Federação Catarinense de Futebol [...] DF: [...] O município ficaria sem competições vinculadas a Federação.”
Sonora Glaiton GC: GLAITON DOS SANTOS DA ROSA Diretor do Atlético Catarinense	DI: “Então a gente inscrevia os jogadores na Federação Catarinense de Futebol [...] DF: [...] os campeonatos eram organizados pela Federação.”
Roda Sonora Odete Batebola	DI: “Quando eu trabalhava na Federação Catarinense de Futebol [...] DF: [...] administrarmos o futebol não profissional da capital.”
Sonora Glaiton 2	DI: “Com o Manoel de Paula, o Dequinha [...] DF: [...] depois o negócio melhorou.”
Sonora Dequinha 2	DI: “Ela nasceu forte por ser uma liga de capital [...] DF: [...] Então ela nasceu forte.”
Roda Arquivo Histórico Batebola	DI: “1997. Após a fundação da liga, a bola rolou em três campeonatos [...]

	DF: [...] sua grande final em agosto, contou com a participação de 11 clubes.”
OFF 1 RODA BG	RODA BG (Samba x Trap Type Beat Instrumental - Paula Torelly) DI: “Um ano antes da primeira competição, a Liga Florianopolitana de futebol [...] DF: [...] assumiu o cargo de presidente, no qual se mantém até hoje.”
Sonora Sandro Machado GC: SANDRO MACHADO Criador do canal Batebola SC Sobe Nota: BATEBOLA SC	DI: “Tantos campeonatos, né? A gente viveu várias fases do futebol amador [...] DF: [...] transmitindo o jogo pela rádio, indo no campo.”
OFF 2 RODA BG	RODA BG (Bossa Nova R&B - Fred Irie) DI: “Em 2025, a Liga organizou três competições [...] DF: [...] Náutico, Triunfo e Vila participaram no campeonato.”

Sonora Borussia GC: FERNANDO “BORUSSIA” Dirigente do Náutico Sobe Nota: Náutico FC	DI: “Um valor que a comunidade dá muito nessas competições esportivas. E querendo, ou não, tem um glamour [...]” DF: [...] um trabalho bem desempenhado na área na área esportiva”
Sonora Sandro Machado	DI: “Disputar um campeonato da liga e disputar um campeonato [...]” DF: [...] um árbitro agredido faz um BO e fica por isso mesmo.”
Sonora Dequinha 3	DI: “A liga, ela tem uma responsabilidade civil junto com os clubes. Ela tem uma responsabilidade civil com toda a comunidade esportiva de Florianópolis [...]” DF: [...] Eu tenho essa escolha porque eu entendo a importância que tem o esporte na vida das pessoas.”
Sonora Fernanda GC: FERNANDA MACHADO Auxiliar administrativo da LIFF Sobe Nota: Financeiro	DI: “O combo eu e o Manoel, muito por parte dele [...]” DF: [...] a demanda é gigante, sendo que podia tá diluída com os clubes.”

BLOCO 2 RODA VINHETA BLOCO 2	RODA BG (SAMBASSIM - yodic beats)
OFF 3 RODA Arquivo Canto do Rio FC	DI: “Com 51 anos de história e cinco títulos da primeira divisão, o Canto do Rio [...] DF: [...] com forte presença social e papel de ajuda à comunidade.”
Sonora Pepe GC: ALÉCIO JÚNIOR “PEPÊ” Presidente do Canto do Rio	DI: “O futebol é importante para o clube, mas é um não é o fundamental hoje [...] DF: [...] é um clube bem conhecido também por esse lado social de ajuda das pessoas.”
Sonora May GC: DOUGLAS BOTELHO Técnico do Canto do Rio	DI: “O Pepe, que é o presidente do Cancão do Rio, que é um cara [...] DF: [...] o que liga para ele, ele ele ele atende, ele dá o suporte a nós.”
Sonora Sandro Machado Roda Campeão Canto do Rio 2007	DI: “O Canto do Rio, pô, como eu falei, ele tinha tinha ano aí que ele era campeão [...] DF: [...] Só não foi o campeão estadual de amadores.”
Sonora Pepe 2	DI: “O nosso time hoje, ele é 90% da comunidade [...]

Roda Imagens Jogo Canto do Rio	DF: [...] essa parte de de futebol é assim mesmo, sem muito investimento.”
Sonora Glaiton 3	DI: “O financeiro é o mais complicado porque não é só o dar uma ajuda para o atleta [...] DF: [...] O custo é muito alto para manter um futebol amador.”
Sonora Pepe 3	DI: “A gente tem sócio contribuinte, né? Colabora com o clube [...] DF: [...] patrocinadores do campo que também geram receita para a gente.”
Sonora Borussia 2	DI: “Hoje a renda do clube o que é? Algum evento que a gente inventa ou aluguel de campo [...] DF: [...] é 6.000 por mês, que o clube tem, que não tinha. O espaço estava meio aí de- detonado.”
Sonora Pepe 3	DI: “A despesa hoje, é, tá quase equilibrada com a receita. A nossa sorte [...] DF: [...] poder fazer uns investimentos que o clube merece.”
Sonora Borussia 3	DI: “Todos os eventos da comunidade, ah, se for ter uma formatura, acontece aqui [...]

	DF: [...] viabiliza os brinquedos para fazer uma festa para a criançada.”
Sonora Dequinha 4 Sobe nota Financeiro	DI: “De 100% que se consegue do do poder público, 80% [...] DF: [...] Por quê? Porque é interessante eh que tenha boa infraestrutura.”
Sonora Glaiton 4	DI: “Às vezes a gente tirava dinheiro de casa para botar para ajudar no futebol e muitos fizeram isso. DF: [...] a gente é voluntário, né? Então, botamos sim do bolso e muitos.”
BLOCO 3 RODA VINHETA BLOCO 3	VINHETA BLOCO 3 RODA BG <i>(Chora Cavaco - Paula Torelly)</i>
Sonora Borussia 4	DI: “A parte esportiva é investimento [...] DF: [...] poderia largar a estrutura”
Sonora Glaiton 5	DI: “Se tu quer ganhar título, tu tens que investir. É um semi-profissional [...] DF: [...] Tem um jogador que ganha a ajuda maior pelo seu destaque.”
Sonora Sandro Machado	DI: “Os times se organizaram bem mais [...]

	DF: [...] seja na ajuda de custo ou no combustível.”
Sonora Árbitro GC: ADRIANO VIEIRA JÚNIOR Árbitro da LIFF	DI: “Muitas vezes os jogadores profissionais, nem todas as vezes, mas muitas às vezes, eles vêm, conversam [...]” DF: [...] bater uma bolinha é isso.”
Sonora Dequinha 5	DI: “Nenhum árbitro pode fazer [...]” DF: [...] de Santa Catarina.”
Sonora Cleidy Mary GC: CLEIDY MARY DOS SANTOS Ex-árbitra FIFA e LIFF	DI: “O futebol amador, o futebol de base [...]” DF: [...] a evolução foi muito positiva.”
Sonora Glaiton 6	DI: “Hoje muitos aí já jogaram passaram no profissional. 50% ou até mais do nosso time já passou pelo profissional [...]” DF: [...] a maioria dos nossos jogadores já teve base de Avaí, Figueirense, de Guarani da Palhoça.”
Arthur Vieira GC: ARTHUR VIEIRA MACHADO Jogador do Atlético Catarinense	DI: “Desde os meus oito anos [...]” DF: [...] muito importante isso também.”

Sobe Imagens Arthur Atlético	
Sonora Gustavo Albino Roda Imagens Gustavo Atlético GC: GUSTAVO ALBINO DA SILVA	DI: “ninguém sabe o que se passa se tu morar dentro de um alojamento ou tu vivendo no conforto da tua casa [...] DF: [...] , entre Amador e e o futebol que eu faço durante a semana, eu consigo tirar o mais equivalente a uns dois salário mínimo, mais ou menos.”
Sonora Técnico Náutico GC: GABRIEL PORTO Técnico do Náutico	DI: “eu tenho tenho passagem por clubes profissionais, eu fui atleta profissional [...] DF: [...] Então, uma experiência legal para passar pros meninos para poder passar essa minha experiência.”
Sonora Fernanda 2	DI: “Acho que isso só fortalece a competição. São, digamos, estrelas à parte, então cada clube busca fortalecer o seu clube [...] DF: [...] perante a comunidade, perante o campeonato, da forma que achar melhor.”
André Santos GC: ANDRÉ SANTOS Ex-jogador profissional e da LIFF	DI: “O que tinha muito ali era para não tanta responsabilidade que de entrega, mas o compromisso [...]

Sobe Nota André Santos	DF: [...] isso para mim era era uma parte que fazia muita diferença do futebol profissional”
Sonora Cauã Santos GC: CAUÃ SANTOS Jogador do Náutico Roda imagens Caua Náutico	DI: “No ano que o André chegou aqui, foi o ano que o Náutico, né, teve esse esse esse salto [...] DF: [...] caras que passaram para pro crescimento do Náutico e hoje a gente é essa potência.”
Sonora Gilberto GC: GILBERTO FORTUNATO SOBE NOTA Gilberto Fortunato Roda Imagens Gilberto	DI: “O legal do profissional é isso, os profissionais te treinam [...] DF: [...] e final de semana tem jogo, basicamente isso.”
Sonora Fernanda	DI: “A meta da liga é essa também, mostrar esses atletas [...] DF: [...] cada vez mais eles sejam vistos e aproveitados e valorizados também.
RODA VINHETA BLOCO 4	RODA VINHETA BLOCO 4 RODA BG (SAUDADE - BeatsbyJonas)

Sonora Glaiton 7	DI: “A gente quer que as pessoas se doam [...] DF: [...] essa é a visão do nosso do nosso time, do nosso clube.”
Roda Imagens Torcida do Atlético	Som ambiente
Sonora Gustavo GC: GUSTAVO SCHIMIDT Torcedor do Atlético	DI: “O Atlético significa pra mim infância [...] DF: [...] me puxando para os jogos, sempre me puxando para as festas do Atlético que tinha.”
Sonora Zeca GC: JOSÉ CARLOS DA SILVA Torcedor do Atlético	DI: “Pinto o muro, varro o chão [...] DF: [...] a gente ajuda
Sonora Borussia 5 Roda imagens sala de Troféus Náutico	DI: “78 anos ele tem, né? A gente botou o nome da sala de troféus [...] DF: [...] porque o clube já existia, mas era mais antigo.”
Sonora Zeca Roda imagens Zeca Náutico	DI: “Pra mim, igual esse clube aqui não tem [...] DF: [...] sem esse clube, eu não sou ninguém.”
Roda cena comemoração Zeca	som ambiente

Cauã Santos	DI: “O futebol é uma forma de [...] DF: [...] para a gente estar feliz com os amigos aí, fazendo o que ama, né, que é jogar bola.”
Sonora André Santos Roda imagens André Náutico	DI: “Quando eu parei de jogar, pendurei [...] DF: [...] conectar com o futebol amador.”
Sonora árbitro Adriano	DI: “Todo jogo é uma história, porque às vezes um torcedor que tá ali no alambrado querendo te pegar pelo pescoço [...] DF: [...] de ter que ter uma segurança maior para sair. É, essa parte ainda não cheguei.”
Roda Cena confusão arbitragem	som ambiente
Sonora Árbitra Letícia GC: LETÍCIA PIVA FARIA Árbitra da LIFF	DI: “Hoje, a arbitragem pra mim é superação [...] DF: [...] chego onde eu sonho.”
Sonora Cleidy Mary 2	DI: “Quando eu me formei em 91, eramos poucas [...] DF: [...] foi um grande desafio.”
Sonora Fernanda 3	DI: “Eu me sinto muito frustrada, sinceramente, confesso que a gente

	nunca conseguiu fazer um campeonato feminino aqui na liga. DF: [...] muitos preferem se omitir e criticar ao invés de realmente fazer uma somatória.”
Sonora Dequinha 6	DI: “Quem está aqui a frente da da da liga e seus diretores, nenhum deles ganha 1 centavo [...] DF: [...] mais uma vez repito que a entidade fica e as pessoas passam.”
Sonora Borussia 6 Roda Imagens Torcida Náutico	DI: “Esse é o papel do clube na comunidade [...] DF: [...] deu certo todo esse nosso esforço diário de dedicação aqui ao clube.” sobe som ambiente
Sonora Sandro Roda Imagens Sandro Batebola	DI: “Adoro futebol, tô trabalho com algo que gosto né [...] DF: [...] no momento em atividade só tem eu.”
Sonora Glaiton 8	DI: “É a paixão por por esse time que eu ajudei a fundar [...] DF: [...] amigos antigos que moram aqui ainda.”

Sonora Fernanda 4 Roda Imagens Campeonato Geral	DI: “A liga para mim significa esse vínculo de construção de uma tentativa de fazer com que o futebol seja mais bem quisto, mais bem valorizado [....] DF: [...] fazer com que esses espaços sejam mais abertos para todos praticarem o futebol.”
Sonora Dequinha 7 Roda Imagens Liga Geral	DI: “A gente tem essa essa visão de que o esporte, ele é fundamental dentro das comunidades e dentro da dos atletas que que que participam [...] DF: [...] para que realmente a gente consiga dizer o seguinte: Valeu a pena.”
RODA ENCERRAMENTO Créditos Este documentário foi produzido como Trabalho de Conclusão de Curso, do curso de Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Catarina Produção, edição e roteiro Crizan Izauro Kauê Alberguini Artes Crizan Izauro	RODA BG (CURACAO - BeatsbyJonas)

Orientação

Elias Machado Gonçalves

Imagens de arquivo

Biblioteca Pública de Santa
Catarina

Canto do Rio

BateBola SC

Liga Florianopolitana de Futebol

KF Tirana

Entrevistados

Manoel de Paula Machado

Fernanda Regina Machado

Sandro Machado

Xande Martins

Aldori Silva

George Dias

Glaiton dos Santos da Rosa

Gustavo Schmidt

Evaldo Schmidt

Luiz Fernando Caldas

Vitor Oliveira

Gabriel Porto

Fernando Lemos

Cauan Santos

André Santos

Alécio Júnior

Douglas Botelho

Adriano Paulo Vieira Júnior

Leticia Piva de Souza Faria

Cleidy Mary

Gilberto Fortunato FADE IN	SOM AMBIENTE
---	----------------------------

ANEXO**ANEXO A – FICHA DE TCC**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2025.2	
ESTUDANTE/S	Crizan Izauro Camilo da Silva e Kauê Gustavo Alberguini Pereira	
TÍTULO	No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis	
ORIENTADOR/A	Elias Machado Gonçalves	
MODALIDADE		Prática de pesquisa
		Prática de projetos comunicacionais e jornalísticos
	X	Prática editorial jornalística
FORMATO DE PRÁTICA EDITORIAL JORNALÍSTICA		Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
		Áudio/Rádio
	X	Vídeo/ TV
		Foto
		Multimídia
Local de	X	Florianópolis

apuração		Santa Catarina
		Brasil/outros estados/cidades: _____
		Internacional / País: _____
PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO	Sim [X] Não []	
	Caso tenha solicitado suporte técnico e/ou contratado serviços profissionais para qualquer etapa/parte do trabalho, liste aqui e detalhe no relatório.	Não foi contratado suporte técnico. Trabalho desenvolvido integralmente pelos próprios alunos.
RESUMO	Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) consiste em um documentário de média-metragem que aborda a Liga Florianopolitana de Futebol (LIFF), entidade criada em 1996 e responsável pelas competições de futebol amador na capital catarinense. O documentário, dividido em blocos temáticos, detalha a história e criação da liga, os desafios enfrentados pelos clubes para sobrevivência, os investimentos em atletas e participações de ex-jogadores profissionais nos campeonatos, além da paixão e dedicação dos envolvidos nas competições. A narrativa é baseada em depoimentos dos dirigentes, jogadores, torcedores e presidentes dos clubes e da LIFF. O objetivo é mostrar como o futebol amador se mantém vivo em Florianópolis por meio do engajamento comunitário, do voluntariado e da resistência cotidiana de cada equipe. O projeto também busca compreender o valor simbólico e social dos clubes para seus bairros, analisando o retorno que o esporte proporciona às comunidades.	

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Crizan Izauro Camilo da Silva, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 22101532, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis”** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 26 de novembro de 2025.



Documento assinado digitalmente

CRIZAN IZAURO CAMILO DA SILVA

Data: 11/12/2025 18:22:30-0300

CPF: ***.112.609-**

Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Crizan Izauro Camilo da Silva

09111260904

Eu, Kauê Gustavo Alberguini Pereira, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 22104343, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **“No coração dos bairros: a cultura do futebol amador em Florianópolis”** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 26 de novembro de 2025.



Documento assinado digitalmente
KAUE GUSTAVO ALBERGUINI PEREIRA
Data: 11/12/2025 18:31:46-0300
CPF: ***.250.769-**
Verifique as assinaturas em <https://v.ufsc.br>

Kauê Gustavo Alberguini Pereira

10625076907